

Aula 7

A ANÁLISE TEXTUAL E A NOVA CRÍTICA ANGLOAMERICANA

META

Utilizar os métodos da nova crítica angloamericana à análise textual

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
reavaliar os pressupostos conceituais da nova crítica angloamericana;
situar a função da crítica angloamericana em relação ao estágio dos gêneros literários;
melhorar seu desempenho crítico ao aplicar o método da crítica angloamericana em suas análises textuais.

PRÉ-REQUISITOS

Releitura da aula 8 da disciplina Crítica Literária.

Jeová Silva Santana

INTRODUÇÃO

Em sua releitura, você deve ter percebido que a chamada crítica angloamericana, ou New Criticism, é mais uma tendência surgida no século XX, que colocou o texto como prioridade. Nesse caso, observa-se que o fenômeno literário não resulta de instâncias sociais, políticas e econômicas, mas sim de sua própria especificidade e autonomia, “participando da natureza de fenômenos estéticos (música, pintura, arquitetura, escultura, etc), com um meio próprio, a linguagem” (COUTINHO, 1986, p. 279). Embora não tenha um legado doutrinário em termos de método textual, essa nova corrente crítica tem como “novidade” o fato de ela enfatizar a necessidade de a crítica literária dever ser exercida por leitores formados na academia; além de possibilitar uma maior abertura em relação ao texto literário por não dispensar o auxílio de outras fontes de conhecimento, tais como psicologia e a psicanálise.

Dessa forma, compreende-se que todas essas lições do passado devam ser filtradas dos seus possíveis excessos, para que possam contribuir para o exercício crítico em nossos dias. Afinal, soa como um consenso, depois de tantas trilhas, essas palavras:

A obra literária é uma obra de arte de linguagem. Do formalismo ao new criticism e à estilística teuto-suíça e espanhola, estruturalismo à nouvelle critique francesa e italiana, em uma palavra, a “nova crítica” atual, a atual poética, a atual filosofia literária assim o entendem (COUTINHO, 1986, p. 279).

No tocante à realidade brasileira, esse processo ainda está em curso. Aqui chegaram os ventos dessas novas abordagens, as quais tiveram que romper com certas amarras com a devida contribuição do movimento modernista. Cremos que já se sedimentaram muitas questões, algumas arestas foram aparadas, mas ainda se pode notar a atualidade dessas palavras, escritas por Coutinho em 1959, um dos divulgadores do new criticism no Brasil:

Assim, a crítica atinge uma fase de autoconsciência, de domínio metodológico e técnico, de profissionalismo, de repúdio ao autodidatismo, ao amadorismo, à improvisação, com preferência pela formação universitária. É evidente que o novo grupo não tem o campo livre. Contra ele e as novas orientações luta o rescaldo do superado impressionismo jornalístico, que forceja por manter a crítica no plano do comentário irresponsável, da divagação, do subjetivismo (1983, p.309).

Tantos anos depois, contudo, percebemos a existência de um impasse: a crítica acadêmica produzida na universidade fica limitada aos seus muros.

Já a crítica praticada em outras mídias, com raras exceções, revelam os males apontados pelo crítico. A superficialidade, a ligeireza, a “orelhada” (leitura de “orelhas” e prefácios) sobre o livro constituem um panorama bastante negativo, a contramão de estudos que visaram à valoração do objeto literário no século passado.

Observe agora como o crítico I.A. Richards (1997, pp.76-7-8; 81), um dos mentores do New criticism trabalhou este método, em 1929, com um grupo de alunos. Os comentários destes estão nos trechos numerados: 6.1; 6.12; 6.13. Os do crítico, em negrito.

POEMA 6

Margaret, are you grieving
Over Goldengrove unleafing?
Ah! As the heart grows older
It will come to such sights colder
By and by, no spare a sigh
Tho' world of wanwood leafmeal lie;
And yet you will weep and know why.
Now no matter, child, the name.
Sorrow's springs are the same.
Nor mouth had, no, nor mind express'd,
What heart heard of, ghost guess'd:
It is the blight man was born for,
It is Margaret you mourn for. *

* Você, Margaret, se entristece / Se Bosque-d'Ór não enfolhece? / Ah! Depois os anos passarão; / Ante esta cena teu coração / Vai em frente, indiferente / pelo esfoliado bosque doente; / Então você chora consciente. / Não importa o nome, não, menina. / É a mesma dor, a mesma mina. / E boca nenhuma, ou mente mostrou / A dor que se ouviu ou se adivinhou: / É pela praga que a vida enfrenta, / É por Margaret que você lamenta.

A reação e a opinião aqui se dividem com agradável nitidez. Mais ainda, todos os estágios da separação ficam bem claros. Se alguns dos outros conjuntos de protocolos têm um toque da rebeldia e imprevisibilidade, da deselegância e absurdo, de uma paisagem de morros industrializados, ou a variedade de um exuberante jardim mal cuidado, esse conjunto, pelo contrário, oferece a confortante simplicidade de uma demonstração em geologia elementar.

A rachadura incipiente – para continuarmos um pouco mais com a metáfora – e as forças que a provocam aparecem em 6.1. Esse comentarista poderia, mais tarde, ser encontrado num ou noutro

lado do abismo. Ele é tão suscetível e impaciente que poderia ter aterrizado em qualquer lugar.

6.1 Tem para mim um fascínio muito claro, mas é um fascínio mais irritante do que satisfatório. Não consigo ter absoluta certeza de que captei o significado. Numa leitura sinto que realmente entendi, mas na próxima não tenho certeza de no fim das contas não estar totalmente na direção errada. Parte do fascínio está no equilíbrio do ritmo aliterativo e no esquema de rimas, mas ao mesmo tempo esses aspectos causam parte de minha irritação porque me surpreendo prestando atenção exclusivamente ao som e à sensação geral dos arranjos de palavras sem levar em conta o sentido. Enfim, não sei decidir se estou entendendo ou não, se gosto ou não do poema.

Um pouco mais de pertinácia, e talvez de inteligência, conduz 6.12 para o lado positivo. Ele mostra prudente consciência de alguns dos perigos desse tema poético e uma noção exata do que significa evitá-los.

6.12 Não tive tempo para “atacar” esse poema como gostaria. Pouco me disse na primeira leitura, mas agora gosto dele, e acho que o sentimento é bom e genuíno na mesma medida em que o do n.º. 8 é falso e espúrio. É para mim uma bela expressão de um estado de espírito que frequentemente aparece em poesia – o de um poeta observando uma criança, e pensando no futuro dela, e eu acho que, sendo um estado de espírito que facilmente se presta a um falso sentimento, é um triunfo para o poeta dar uma versão nova e impressionante.

Já que tantos leitores não conseguiram fazer uso da própria inteligência, uma paráfrase gentilmente oferecida por um comentarista pode ter seu lugar aqui. Ela também vai ajudar a mostrar uma interessante ambiguidade a que se presta o sétimo verso do poema.

6.13 É difícil entender esse poema de saída. Depois de refletir bastante cheguei à conclusão de que esse é o seu significado – um homem mais velho, com experiência nesses assuntos, encontra uma menina sofrendo por causa das folhas que caem no outono.

Ele mostra que ela não terá a mesma sensibilidade quando for adulta – já não será capaz de sofrer por coisas assim (Cf. versos 2-4). Então irá chorar, mas não mais por coisas como as folhas que caem no outono, mas porque já não poderá ter tais sentimentos – os sentimentos da juventude. (Cf. “Então você chora consciente”). Mesmo agora, chorando ante a transitoriedade outonal das coisas que ama, ela está realmente chorando pela transitoriedade de tudo. E, entre outras coisas, ela se entristece pela fugacidade de sua juventude.

Outra leitura do sétimo verso, a preferível, está indicada em 6.2, que exhibe um admirável poder de análise detalhada.

6.2. Esse poema revela grande habilidade, e acho que é de longe o mais difícil dos quatro. Quanto mais o leio, mais descubro nele; não captei realmente todo seu significado antes de atacá-lo três vezes, e

mesmo agora não tenho certeza de que o entendo completamente. Não creio que isso se deva ao fato de ele ser obscuro, mas ao fato de exigir uma leitura especial. A acentuação do sétimo verso é particularmente importante – o acento recai sobre “Will weep” e “Know why”.

Admiro muito a maneira na qual o poema está escrito. Gosto da simplicidade dos dísticos de abertura e fechamento, um respondendo ao outro. Os seis primeiros versos começam num tom baixo e depois sobem em “Ah! depois os anos passarão”, caindo outra vez no sexto verso. Gosto de acentuação regular no sexto verso. Há também um grande controle de música das vogais, com vogais mais abertas onde a voz sobe no terceiro e quarto versos; a vogal “i” introduzida em “sighs” adquire grande importância no verso seguinte, e uma tríplice rima se baseia nela. Há um suspiro de respiração em “Vai em frente, indiferente”.

Gosto da concepção toda desse poema, acho que o último dístico é excelente, pois dá ao poema uma aplicação universal enquanto faz com que se refira especialmente a Margaret.

(...)

6.31. Li dez sem encontrar nenhum significado e muito poucos atrativos. Um de nós dois, o autor ou eu, é mais idiota do que o normal, mas realmente não consigo digerir esse bocado pastoso, pesado, obscuro, indigesto e sem substância do que quer que pretenda ser.

Devemos nos lembrar aqui que essas são opiniões de sérios e professos estudantes universitários da cadeira de inglês.

6.32. O pensamento é desprezível e irremediavelmente confuso. Um amontoado absurdo de palavra. Expresso em frases desconexas, espasmódicas, sem ritmo.

Absoluta perplexidade e irremediável incapacidade para captar o sentido ou a forma do poema causam naturalmente irritação.

CONCLUSÃO

Nascida nos anos 1920, nos Estados Unidos, solidificando-se nas duas décadas seguintes, a nova crítica buscou centrar no texto a atenção analítica, postando na direção contrária tanto aos que viam a literatura com um epifenômeno resultante da econômica e social, quanto ao conceito que à crítica caberia a interpretação genética, ou seja, das raízes literárias e dos elementos extraliterários.

Assim, ela é mais uma das correntes que ver autonomia no fenômeno literário e busca analisar a obra em si mesma, em seus elementos intrínsecos. Como perspectiva diferenciada em relação a outras correntes imanentistas, a nova crítica prioriza a formação acadêmica e permite a socialização da análise com outras áreas do conhecimento, tal como os estudos oriundos de Sigmund Freud.



RESUMO

O New criticism nasceu nos anos 20 do século XX, no Sul dos Estados Unidos, passando a ocupar um lugar central nos estudos literários entre 1940 e 1950. Caracteriza-se por fazer abordagens intrínsecas do objeto literário. Nessa perspectiva ficam abolidas abordagens extrínsecas, tais como históricas, biográficas e sociológicas. Um de seus representantes, I.A. Richards, tem como base de análise as reações do leitor individual diante do objeto literário, enfatizando-se o encadeamento das palavras, o efeito de uma palavra sobre a outra, sua polissemia. No Brasil, o crítico Afrânio Coutinho foi um dos principais divulgadores desta vertente.



ATIVIDADES

Leia este poema de João Cabral (1995, p. 419) e, à luz do New Criticism, procure observar como os elementos estruturantes do poema servem para a comunicação entre as palavras e os elementos naturais. Procurem reunir-se em grupo e, assim como os alunos de I.A. Richards, escrevam as impressões pessoais para, posteriormente, serem lidas em sala.

A voz do coqueiral

O coqueiral tem seu idioma:
Não o de lâmina, é voz redonda:
é em curvas sua reza longa,
decerto aprendida das ondas,

cujo sotaque é da sua fala,
côncava, curva, abaulada:

dicção do mar com que se convive
na vida alísia do Recife.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Nota-se o aspecto enxuto, econômico e conciso do texto, para o qual concorrem a disposição dos versos, o uso da rima toante, a liberdade de expressão de criação como a de transformar o substantivo “alísio” em adjetivo feminino. A leveza das palavras tende a reproduzir o som próprio de coqueiral ao se encostar ao mar de Recife. Daí o arrefecimento da função cortante da “lâmina”, elemento que remete à “faca”, que é uma imagem frequente em muitos de seus poemas.



PRÓXIMA AULA

O texto literário e o método da crítica sociológica.

REFERÊNCIAS

- NETO, João Cabral de Melo. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- LIMA, Luís Costa. **Teoria da literatura em suas fontes**, vol.2. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- RICHARDS, I. A. **A prática da crítica literária**. Tradução: Almiro Pisetta, Lenita Maria Rímoli Esteves. São Paulo: Martins Fontes, 1997.